



## FILOSOFIA AFRICANA: UM CONTEXTO DESCONTEXTUALIZADO PELO OCIDENTE

DOI: <http://dx.doi.org/10.48098/refiedi.v2i1.194>

## AFRICAN PHILOSOPHY: A CONTEXT THAT WAS DECONTEXTUALIZED Y WESTERN

## FILOSOFÍA AFRICANA: UN CONTEXTO DESCONTEXTUALIZADO POR OCCIDENTE

*Regina Coeli Araújo Trindade Negreiros*  
Instituto Federal da Paraíba - Brasil

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir o que cabe no guarda-chuva da filosofia ocidental partindo do pressuposto da negação da filosofia africana pelo eurocentrismo. Abordou-se o conceito do Ubuntu como um dos termos fundadores da filosofia africana, sendo ele uma práxis sociocultural que permeia a convivência social coletiva que assinala para o caráter complexo de uma filosofia relacionada à humanidade, conectando de forma biocêntrica<sup>1</sup>, humanos e não-humanos, sensível e inteligível simultaneamente, o que não é aceito pelo pensamento cartesiano eurocêntrico. Dentro do modelo teórico realizou-se a discussão sobre negação da existência da filosofia fora dos muros eurocentrista, especificamente da filosofia africana cujo principal sustentação dar-se através do ubuntu, constatando-se que a história da filosofia tradicional eurocêntrica, apesar de suas inúmeras contribuições para o pensamento filosófico, foi excludente e por isso, precisa ser devidamente repensada e recontextualizada para fechar as feridas abertas pelo colonialismo. Utilizei-me do método filosófico e da revisão bibliográfica de autores que se destacam na filosofia africana e na filosofia do ocidente para fundamentar a presente discussão.

**Palavras-chaves:** Eurocentrismo. Filosofia ocidental. Filosofia africana.

### ABSTRACT

This article aims to discuss what fits in the umbrella of Western philosophy based on the assumption of the negation of African philosophy by Eurocentrism. The concept of Ubuntu was approached as one of the founding terms of African philosophy, being it a socio-cultural praxis that permeates the collective social coexistence that points to the complex character of a philosophy related to humanity, connecting in a biocentric way, human and non-human. -human, sensitive and intelligible

<sup>1</sup> Conforme Kakozi (2018), é uma ética contrária ao antropocentrismo, baseada na preocupação com o outro e principalmente no respeito para com os animais não-humanos, estando sempre voltada para fortalecer, cuidar, gerar e transmitir a vida, respeitando todos os seres vivos, humanos e não humanos e tratando os ancestrais como elo de ligação entre os vivos, os mortos e os que ainda não nasceram. É uma concepção oposta ao antropocentrismo, onde todas as formas de vida são igualmente importantes.



simultaneously, which is not accepted by Eurocentric Cartesian thinking. Within the theoretical model, there was a discussion about the denial of the existence of philosophy outside the Eurocentric walls, specifically of African philosophy whose main support is given through ubuntu, verifying that the history of traditional Eurocentric philosophy, despite its numerous contributions for philosophical thought, it was exclusive and, therefore, it needs to be properly rethought and recontextualized to close the wounds opened by colonialism. I used the philosophical method and the bibliographic review of authors who stand out in African philosophy and Western philosophy to support the present discussion.

**Words-key:** Eurocentrism. Western philosophy. African philosophy.

## RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo discutir lo que cabe a la filosofía occidental teniendo en consideración que la filosofía africana fue despreciada por el eurocentrismo, y resaltar, en esta relación filosófica, el concepto del ‘Ubuntu’, considerado uno de los términos fundadores de la filosofía africana, considerando que representa una *praxis* sociocultural, espiritual y política, que adentra la convivencia social colectiva. Como una ética comunitaria, el Ubuntu señala el carácter complejo de una filosofía relacionada a la humanidad, conectando de forma biocéntrica, humanos y no humanos, sensibles y el inteligible al mismo tiempo, algo que no se acepta en el pensamiento cartesiano europeo. La metodología usada para este trabajo será un método filosófico y la revisión bibliográfica de autores que se sobresalen tanto en la filosofía africana como en la filosofía occidental.

**Palabras-llave:** filosofía occidental. filosofía africana. eurocentrismo.

## Introdução

À filosofia cabe o pensar, o repensar, independente de fronteiras étnicas ou geográficas. Uma discussão interessante é trazida à luz pelo filósofo camaronês Marcien Towa que traz a filosofia como sendo “a coragem de pensar e o ser filosofante como aquele que se lança nessa aventura de pensar o absoluto, independente de sua etnia” (TOWA, 2015, p. 10). De tal forma, pode-se dizer que a filosofia seja o pensamento sobre o absoluto e esse pensamento sendo oriundo de todo aquele que traz em si essa capacidade, independe de região geográfica. Towa (2015) tenta circunscrever o domínio da filosofia e afirma que uma das principais características desta é sua capacidade dialética. Na filosofia, segundo ele, não há espaços para fé onde há filosofia, pois esta se assenta na racionalidade, enquanto a fé, na crença cega.

Isto posto, há de se questionar o porquê da filosofia africana não ser considerada como tal pelo pensamento eurocentrista. Negar a existência de uma filosofia africana, ou outras filosofias quaisquer, negar a capacidade do pensamento raciocinado e com encadeamento lógico por parte de outros povos ou etnias, como ocorre com o pensamento africano, é um grave sintoma de intolerância e opressão, que teve seu início marcado na história da



humanidade (ou desumanidade) através de uma diáspora permeada pelo genocídio, etnocídio e epistemicídio dos povos do continente africano.

Para Renato Noguera (2015), o represamento do pensamento como uma imposição eurocêntrica colonial tem gerado recorrentes epistemicídios para a manutenção do eurocentrismo e seu mito europeu do nascimento de uma filósofa grega, o que, segundo ele, Jaques Derrida chama de mitologia branca, a forma europeia do mito. Para o autor, “os textos egípcios são documentos africanos mais antigos do que os escritos gregos, que são as referências da cultura ocidental” (NOGUERA, 2015, p. 40). Esse reducionismo limitante da tradição eurocêntrica é um problema muito mais político que acadêmico que tem a subordinação como projeto de poder e “que pretende calar qualquer filosofia que tenha sotaques diferentes” (NOGUERA, 2015, p. 43).

Carlos Serra (2015) reforça essa tese ao afirmar que uma conversão social que foi transformada infraculturalmente com o objetivo de desumanizar ou descaracterizar a humanidade do outro para subjugar-lo. Mas, nessa cruel diáspora, mesmo sendo destruída e abatida, a cultura, a filosofia e muito da religiosidade do povo negro, sobreviveu a toda agressão física, moral e intelectual, reconstruindo sonhos, vidas e ressignificando sua existência.

Não cabe aqui questionar a contribuição de toda estrutura filosófica eurocêntrica nem o lugar de nascimento da filosofia, tampouco é esse o objetivo. Mas cabe, a todo e qualquer filósofo, como prega a própria filosofia, questionar seus estatutos, limites e arcabouço estrutural e epistemológico; questionar o que cabe no guarda-chuva do estatuto epistemológico da filosofia.

É nesse contexto que se apresenta a filosofia africana, negada e vilipendiada pelos acadêmicos tradicionais e excluído da história da filosofia ocidental, dos livros e das discussões dentro das universidades tradicionais. E é essa negação onde se atribuiu a animalidade e a “falta de história aos povos pretos, desde pelo menos Kant e Hegel, gerou consequências irreversíveis para os pretos de agora e do porvir” (SANTOS, 2015, p. 50).

No arcabouço da filosofia africana, a palavra Ubuntu tem muito a dizer para a filosofia ocidental. Seu conceito se situa a partir da compreensão de uma ontologia, uma ética e uma epistemologia, conforme Kakosi (2018), Flor do Nascimento (2016) e Senghor (1977), sendo, mais abrangente que a Filosofia estabelecida na tradição ocidental por compreender uma cosmovisão onde a antropologia, a sociologia, a política e a economia encontram lugar para se expressar (KAKOZI, 2018).



O pensamento africano do Ubuntu se caracteriza pela humanidade com os semelhantes através da veneração aos ancestrais, de forma fraterna e com compaixão, numa visão unificadora da existência no mundo. Segundo Louw (1998, p. 2):

Ubuntu (a Zulu word) serves as the spiritual foundation of African societies. It is a unifying vision or world view enshrined in the Zulu maxim *umuntu ngumuntu ngabantu*, i.e. "a person is a person through other persons" (Shutte, 1993, 46). At bottom, this traditional African aphorism articulates a basic respect and compassion for others. It can be interpreted as both a factual description and a rule of conduct or social ethic. It both describes human being as "being-with-others" and prescribes what "being-with-others" should be all about. As such, Ubuntu adds a distinctly African flavour and momentum to a decolonized assessment of the religious other. In fact, the various overlaps between such an assessment and the African way of life as described/prescribed by Ubuntu, make this assessment nothing but an enactment of the African Ubuntu<sup>2</sup>.

O termo, portanto, é uma marca identitária que se relaciona diretamente com o conceito de humanidade, além de abranger o que é intrínseco a este: a cooperação, o respeito, o acolhimento. Nesse sentido há no ubuntu um ethos relacionado à alteridade, comunidade, espiritualidade, estes por sua vez, se relacionam com o passado e com o ciclo das existências futuras, portanto, com a ancestralidade, o que confere um caráter altamente complexo de uma ontologia filosófica cujo arcabouço está além das categorias tradicionais ocidentais.

## Metodologia

A metodologia utilizada para o presente trabalho foi o método filosófico e a revisão bibliográfica de autores que se destacam tanto na filosofia africana quanto na filosofia do ocidente para fundamentar filosoficamente do ponto de vista teórico e histórico, dialogando com autores para a construção dialética de um texto que possibilite questionar o estatuto epistemológico da filosofia acadêmica ocidental, a partir de um olhar decolonizado, afrocêntrico com base nos termos ubuntu – humanidade – e ukama – ancestralidade.

## Fundamentação teórica

<sup>2</sup> Ubuntu (uma palavra zulu) serve como base espiritual das sociedades africanas. É uma visão unificadora ou visão de mundo consagrada na máxima zulu *umuntu ngumuntu ngabantu*, ou seja, "uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas" (Shutte, 1993, 46). No fundo, este aforismo tradicional africano articula um respeito básico e compaixão pelos outros. Pode ser interpretado como uma descrição factual e uma regra de conduta ou ética social. Ambos descrevem o ser humano como "ser-com-outros" e prescreve o que "ser-com-outros" deveria ser. Como tal, o Ubuntu adiciona um sabor e impulso distintamente africanos a uma avaliação descolonizada do outro religioso. De fato, as várias sobreposições entre tal avaliação e o modo de vida africano, conforme descrito / prescrito pelo Ubuntu, tornam essa avaliação apenas uma promulgação do Ubuntu africano – Trad. Livre.



Na tradição eurocêntrica da filosofia há poucos ou quase nenhum registro sobre o pensamento africano negro. Na maior parte das vezes em que se fala sobre o conhecimento produzido naquele continente, normalmente é feito um recorte geográfico, extraindo do continente a região do Egito, como se ele não fizesse parte daquele contexto geográfico, cultural, político, social e epistemológico, embranquecendo-o e extraindo de si a sua identidade negra africana. Esses fatos podem ser percebidos claramente quando se mergulha na história da filosofia contada pela tradição ocidental (REALE, 2003) que relata que o seu berço estaria nos poemas homéricos, ou mesmo no cinema e na televisão onde é possível ver personagens clássicos do Egito em atores e atrizes sem nenhuma relação real com os habitantes da região.

O Egito que, aliás, trouxe contribuições inquestionáveis para a cultura ocidental seja na área filosófica, científica ou cultural. Na filosofia, especificamente, ROSA (2017) afirma que havia um termo que lhe era equivalente antes mesmo do surgimento da própria filosofia Grega: *Rekhet*. O termo se referia a “uma espécie de atividade pedagógica de ensinamento da sabedoria (*sebayt*) dos antigos sábios” (OBENGA, 2004, p. 33 apud ROSA, 2017, 48). No entanto, a Filosofia ocidental não reconhece o *Rekhet*, tendo arquitetado seus pilares através de uma hermenêutica totalmente centrada no ocidente, recusando outros pensamentos filosóficos que fossem estabelecidos fora de suas fronteiras delimitadas, inclusive negando-os, talvez como forma de manutenção do *status quo* adquirido ao longo dos séculos.

É importante destacar que autores como Carlos Serra (2015), Victor Kajimbanga (2015), Flor do Nascimento (2016), dentre outros, ponderam essa indiferença como sendo um ‘apartheid<sup>3</sup>’ epistemológico, produto do colonialismo que “foi, fundamentalmente, uma produção de motricidade, de corpos baratos, produtores de matérias-primas para exportação” (SERRA, 2015, p. 8), que provocou um aterrorizante epistemicídio, pois eliminando o conhecimento é mais fácil provocar o genocídio através da conformação social e do lúgubre silêncio que sufoca os gritos de dor e revolta. Segundo Haddock-Lobo (2015, p 34):

o processo de imposição filosófica, aliado à subordinação política, acaba promovendo uma espécie de colonização do pensamento, em que as experiências filosóficas seriam paulatinamente substituídas pelas do colonizador, ou seja, embranquecidas, gerando o que alguns especialistas chamam de epistemicídio, um etnocídio na esfera do pensamento.

<sup>3</sup> Foi um sistema de segregação da população negra, que vigorou entre 1948 e 1994, comandado pela minoria branca na África do Sul e que exigia a segregação racial.



A hegemonia ocidental em relação a filosofia e outros saberes, a partir da segunda metade da década de 1940 começa a ser discutida (KAJIMBANGA, 2015), possibilitando a percepção de outras culturas, outras pluralidades epistemológicas, o que resultou na ação pela desdogmatização dos conhecimentos hegemônicos, mostrando que Hegel (1970, p. 190), ao afirmar que “a filosofia autêntica começa só no ocidente”, estava equivocado.

Esses saberes, tidos e havidos no ocidente como hegemônicos, estão presentes em diversas obras, dentre elas, destaco aqui ‘Observations sur le sentiment du beau et du sublime’<sup>4</sup>, que, segundo Somet (2016), apresenta os negros como sujeitos tolos, fetichistas e tagarelas, o que denota uma visão preconceituosa e simplista do ser humano por sua etnia e sua cor, numa demonstração clara de racismo epistêmico:

Os negros da África, por natureza, não têm nenhum sentimento que se eleve acima do pueril. O senhor Hume desafia quem quer que seja a citar um único exemplo de um negro demonstrando talento e afirma que dentre as centenas de milhares de negros que são transportados de seus países para outros, mesmo dentre um grande número deles que foram libertados, ele nunca encontrou um só que, seja em arte, seja nas ciências, ou em qualquer outra louvável qualidade, tenha tido um papel importante, enquanto que dentre os brancos, constantemente ele constata que, mesmo se nascidos das camadas mais baixas do povo, estes sempre se elevam socialmente, graças a seus dons superiores, merecendo a consideração de todos. Tanta é a diferença essencial entre estas duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto segundo a cor. A religião fetichista, largamente difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria que se enraíza tanto na puerilidade quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, um chifre de uma vaca, um búzio, ou qualquer outra coisa ordinária, desde o instante em que esta coisa seja consagrada por certas palavras, é um objeto de veneração e invocada em juramentos. Os negros são muito vaidosos, mas à maneira negra, e tão tagarelas que é preciso dispersá-los a golpes de porrete (KANT, 1980, p. 505).

Essa fala denota não apenas uma pretensa supremacia eurocêntrica como traz explicitamente um grau de violência que se contrapõe ao conceito posto do que vem a ser a filosofia. Sabedoria e violência são coisas opostas! A frase “que é preciso dispersá-los a golpes de porrete” traz um grau de desumanidade tão grotesca que, mesmo para os padrões da época, século XVII, é estarrecedor. Não se questiona as inúmeras contribuições kantianas para a construção filosófica ocidental, no entanto, não se pode jogar para baixo do tapete o que foi produzido dentro de um cenário no qual o a escravidão era legitimada pela subalternização de pessoas negras. É preciso trazer à luz esses pensamentos hediondos que eram normalizados pela cultura da época para que não se repitam e para que sejam combatidos, principalmente na atual conjuntura sociopolítica, onde os direitos e garantias individuais duramente conquistados, são bombardeados diariamente.

<sup>4</sup> Trad. Livre: Observações sobre o sentimento do belo e do sublime.



Somet (2016) afirma que outros filósofos do ocidente como Hume e Voltaire, além de Kant, estamparam o preconceito em seus escritos. O autor faz severas críticas a tradição filosófica ocidental perpetrada na academia. Para ele os textos que trazem esse tipo de preconceito estampado são “habitualmente ocultados pela crítica filosófica, tal qual é praticada na instituição universitária e até mesmo no ensino médio” (SOMET, 2016, p. 84), tornando difícil o rompimento com o paradigma da superioridade do pensamento ocidental.

Carlos Serra (2015) alega que Hegel foi um dos responsáveis pela representação negativa da África. Segundo ele, a colonização que oprimiu e ainda hoje tem suas garras fincadas nos países subalternizados, buscou através desse mecanismo de opressão e subalternização, erradicar a identidade negra por meio da degradação e desumanização, transformando a contenda em um campo de batalha pela afirmação do pensamento africano, de sua identidade, desconstruídos pelo ocidente.

Com relação a filosofia africana subsaariana, Kakozi (2018) relaciona a palavra Ubuntu diretamente com o conceito de humanidade, perpassando a visão do indivíduo acerca do mundo a partir de uma postura ética individual, uma postura política e social diante da existência, pois ubuntu é, sobretudo, ser através do outro, por isso é também uma reação política que diz respeito a todas as pessoas de uma comunidade, da coletividade. Para Magobe Ramose (2002) ubuntu é a origem da filosofia africana e está relacionado à política, à ética e à ontologia. Segundo ele, Ubuntu repousa sobre um consistente alicerce filosófico, sendo a “quinta categoria básica da Filosofia africana” (RAMOSE, 2002, p. 324).

Para Leopold Senghor (1964), ubuntu é uma filosofia da alteridade, onde o sujeito se realiza através do outro: “Eu sinto o Outro, eu danço o Outro, então eu sou” (SENGHOR, 1964, p. 259). Além disso, uma leitura mais acurada de seus textos mostra que esta é uma filosofia cujo caráter político denota uma indissociabilidade entre o caráter social e a democracia no progresso da emancipação das populações africanas, numa cosmovisão político-social de um ideal de “civilização do universal, simbiose de todas as civilizações diferentes” (SENGHOR, 1977, p. 12).

Para Frantz Fanon (2008) os valores humanos devem nortear a nossa conduta através da busca da humanidade no outro. Seus textos denotam claramente a necessidade de uma construção social pautada na ética do ubuntu. A filosofia africana do Ubuntu, portanto, gira em torno da compreensão de uma ontologia, uma ética e uma epistemologia, que se estabelece através de uma postura política individual e coletiva, caracterizando uma marca identitária do povo africano subsaariano que estabelece uma metafísica condutora de uma ética que visa



fortalecer, cuidar, gerar e transmitir vida, se situando como uma filosofia da alteridade que integra razão e sensibilidade, o que não acontece no arcabouço filosófico da tradição ocidental que encontrou no pensamento cartesiano a ruptura entre os aspectos sensível e racional.

De tal forma, pode-se pensar o ubuntu como uma oposição ao pensamento do filósofo francês René Descartes que estabeleceu, no século XVII, a *res cogitans* (coisa pensante) que encontra obstáculo numa *res extensa* (coisa extensa) que é o corpo. Essa ruptura que influenciou as gerações posteriores da filosofia no ocidente se coloca como um ponto a mais no distanciamento entre a filosofia antropocêntrica ocidental e a cosmovisão biocêntrica africana, cuja compreensão é de que todas as formas de vida são igualmente respeitáveis, não sendo a humanidade o centro da existência. Me refiro como sendo “um ponto a mais” tendo em vista que a dogmatização do pensamento filosófico eurocêntrico é a premissa primeira da argumentação acerca da descontextualização da filosofia africana para “pensar esse grande pilar que nos constitui e que vem epistemologicamente sendo redescoberto e desvarrido de debaixo do tapete, inspirados em tantas críticas possíveis e assombrados pela autocrítica fundamental ao pensamento” (HADDOCK-LOBO, 2015, p. 35).

### **O estatuto da filosofia ocidental e suas lacunas**

A negação da construção cultural e epistemológica do continente africano para a humanidade é um fato historicamente inquestionável. No entanto, é possível perceber na própria história ocidental que há a sua negação, tanto na história quanto na filosofia, muito embora haja percepção clara da herança negra na área cultural, e nesse caso, quando não se nega, se exotiza.

Em todos os cenários de afirmação africana, percebem-se reações de negação por parte de vários autores ao longo da história e filosofia no ocidente. Em alguns casos alega-se a questão da oralidade para negar a produção de um conhecimento filosófico, no entanto esse argumento vai de encontro à própria filosofia praticada no período socrático, tendo em vista que Sócrates (399 a.C), em vida, nada escreveu, sendo seu legado fundamentado na oralidade relatada posteriormente por seus discípulos.

Contudo, o ocidente consolidou a filosofia eurocêntrica como sendo a única possível, o que é repetido exaustivamente na academia ao longo dos séculos, o que gerou uma barreira entre a Filosofia praticada no ocidente e a Filosofia de África, permitindo que a África ainda seja tratada hoje com um preconceito anacrônico inadmissível. Na verdade, a academia e os



seus filósofos parecem perpetuar essa visão anacrônica ao ocultar muitos dos textos dos tradicionais filósofos ocidentais que fazem menção ao povo africano através de uma imagem degradante e desumana, que beira mesmo a animalidade. Essa marginalização vai de encontro ao conceito da filosofia enquanto amor à sabedoria, parecendo ser autêntica apenas a sabedoria eurocêntrica legitimada pelo ocidente.

Esse ponto crucial do debate sobre a negação de uma epistemologia é um grande desafio para a filosofia tradicional ocidental, talvez o maior desafio “ético-político de nossos dias seria questionar em que medida essa mitologia branca não seria nem ingênua nem inocente, frente à exclusão daquilo que não corresponde as suas exigências, deixando de fora as experiências radicais de pensamentos existentes em outras culturas” (HADDOCK-LOBO, 2015, p. 34).

É nesse sentido que se deve questionar o que cabe no estatuto epistemológico da filosofia ocidental e em seu caráter antropocêntrico. Se nesse guarda-chuva que exclui de si o conceito de humanidade há a permissão de olhar através do outro e ser com o outro; se há espaço para uma autocrítica e um novo olhar, sob novas perspectivas, do que cabe naquilo que regulamenta o que vem a ser a filosofia, contextualizando-a de forma inclusiva e plural como de fato é o conhecimento.

O que está oculto através da negativa de uma filosofia africana é claramente o preconceito étnico e geográfico que gerou o epistemicídio de milhões de negros e negras ao longo dos séculos, na vã tentativa de sepultar uma epistemologia africana que re-existe pela vontade, memória e pela força daqueles que, mesmo humilhados e feridos em sua existência humana, nunca perderam de fato o que lhes dava o pertencimento de humanidade na pluralidade da existência, o ubuntu que lhes permite ser no outro e através do outro.

O povo assolado pela colonização eurocêntrica teve negado seu direito de escolhas. O colonizador escolheu o destino dos colonizados e tal fato está refletido na forma de tratamento da população negra expatriada pela diáspora africana, tratados como não-humanos, objetificados e vilipendiados em toda sua extensão de humanidade. A afirmativa da filosofia, do pensamento e dos pensadores africanos é um caminho de libertação, uma trajetória de desapego, chamado por alguns autores de decolonização ou desdogmatização (KAJIBANGA, 2015), cujo objetivo é desmarginalizar a filosofia africana, arguindo e re-situando o seu espaço epistemológico a partir do questionamento do estatuto da Filosofia tradicional eurocêntrica e emancipando-a do servilismo e do colonialismo para recuperar sua humanidade, sua dignidade, conforme afirma Mance (2015, p. 74):



Mais que um pensamento diletante ou um jogo de elegantes raciocínios, a reflexão filosófica que caracteriza parte do pensamento africano busca recuperar um sentido verdadeiramente humano, soterrado sob a negação de liberdade, sob a vivência inautêntica dos códigos de cultura dominantes, sob a tragédia cotidiana da pobreza e da miséria das maiorias excluídas – os condenados da terra. Trata-se de uma filosofia autêntica que afirma, de modo rigoroso e consistente, que nenhum ser humano pode ser usado ou humilhado, transformado em objeto útil, reduzido a uma coisa que se explora e se descarta.

No arcabouço estrutural da negação da Filosofia africana e consecutivamente da negação do ubuntu está incluída a negação de uma humanidade filosófica, tendo em vista que o ubuntu converge para o sentido de solidariedade e alteridade, onde a existência é uma partilha social, um ideal de “civilização do universal, simbiose de todas as civilizações diferentes” (SENGHOR, 1977, p. 12); onde os valores humanos devem nortear a conduta através da busca da humanidade no outro e o *ethos* seja compartilhado coletivamente.

## Conclusão

O estatuto filosófico e a discussão sobre o que cabe no guarda-chuva da filosofia é algo que precisa ser explorado e discutido em seu caráter histórico, social e epistemológico, humano e ético, pois é necessário re-situar o campo filosófico e incluir o continente africano nesse espaço de conhecimentos, o que foi historicamente negado pelo pensamento cartesiano eurocêntrico. Nesse sentido, é preciso que haja um aprofundamento nas questões que envolvem o estatuto da filosofia ocidental para conferir a filosofia africana o devido ‘status’, mas, para isso, é imprescindível compreender a história social e filosófica do ocidente que permitiu que a filosofia africana, assim como epistemologias de outros recortes geográficos, fosse colocada à margem da filosofia produzida pelo modelo eurocentrista. Urge a necessidade de recontar essa história e contestar o que foi mal contado ou mesmo omitido, pois estas máculas ferem a própria história da humanidade.

A partir da compreensão de que o colonialismo estabeleceu seus dogmas asfixiantes sobre outras formas do pensamento filosófico, aniquilando as diferenças e a pluralidade epistemológica inerentes a própria humanidade, é possível reparar os equívocos cometidos pelas análises rasas ou mesmo carregadas de preconceito que foram repetidas e repercutidas ao longo dos séculos pela academia tradicional no ocidente, e evitar que se perpetue o



epistemicídio e as práticas da opressão “que se escraviza e oprime o povo, silenciando suas dores e mesmo sua existência enquanto ser no mundo” (NEGREIROS; LOPES, 2019, p. 365).

Outrossim, toda essa pertinente discussão possibilitará que a filosofia seja universalizada através de sua pluralidade epistemológica incluindo-lhe a humanidade que é negada, a humanidade do ubuntu enquanto práxis sociocultural, espiritual e política, que permeia a convivência social coletiva, perfazendo uma via de mão dupla entre o sensível e o inteligível, conceitos que separadamente são insuficientes para traduzir a humanidade que há em nós, mas que vistos no contexto afrocentrista, conecta o homem à humanidade e a humanidade à existência do todo.

Portanto, esse caminho de conferir à filosofia africana seu ‘status’, permite que se repense e reconfigure o pensamento ocidental, que se apare arestas e fendas abertas pelo colonialismo opressor que furtou de nações inteiras a sua dignidade de pensar-se a si mesmo com todos as peculiaridades e pertencimentos, substituindo-lhe as estruturas sociais, políticas, religiosas e mesmo espirituais, bem como as estruturas do pensamento filosófico, por aquilo que lhes era pertinente em sentido colonizador. A filosofia precisa se repensar e, segundo Mance (2015), precisa ser alforriada da submissão das tragédias colonialistas.

## REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Tecendo mundos entre uma educação antirracista e filosofias afro-diaspóricas da educação**. In.: KOHAN, Walter Omar; LOPES, Sammy William; MARTINS, Fabiana Fernandes Ribeiro (orgs.). O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita – 1 ed – Rio de Janeiro: NEFI, 2016

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Por uma crítica das razões mestiças: à filosofia compete incorporar novas experiências de pensamento**. Dossiê Filosofia da ancestralidade. Revista CULT, n. 204. Agosto, 2015, p. 34-36

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Introdução à História da Filosofia**. Lisboa: Edições 70. 1970.

KAJIBANGA, Victor. **Notas sobre a “problemática” da filosofia africana**. In: SERRA, Carlos. O que é filosofia africana? Cadernos de ciências sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2015. cap.1, p.11-38.



KAKOZI, Jean Bosco. **Filosofia africana: a luta pela razão e uma cosmovisão para proteger todas as formas de vida.** 2018. Disponível em:

<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-proteger-todas-as-formas-de-vida/>. Acesso em 02 jan. 2019.

KANT, Immanuel. **Observations sur le sentiment du beau et du sublime.** In Oeuvres philosophiques. Paris: Gallimard/NRF, 1980, vol I.

LOUW, Dirk J. Ubuntu: an african assessment of the religious other. 1998. Disponível em: <<https://www.bu.edu/wcp/Papers/Afri/AfriLouw.htm>>. Acesso em 11 jan. 2019.

MANCE, Euclides André. **Filosofia Africana – Autenticidade e libertação.** In: SERRA, Carlos. O que é filosofia africana? Cadernos de ciências sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2015. cap.2, p.39-76.

NEGREIROS, Regina; LOPES, Carolina Trindade. **Diversidade étnica e religiosa no Brasil: desafios para uma cultura de paz.** In.: BAGGIO, Vilmar. DNA Educação. Vol. V. 2ª ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2019.

NOGUERA, Renato. **Os gregos não inventaram a filosofia: é perigoso e reducionista limitar a aventura do pensamento a poucas tradições.** Dossiê Filosofia da ancestralidade. Revista CULT, n. 204. Agosto, 2015, p. 40-44

OBENGA, Theophile. **Egypt: Ancient history of African philosophy.** A companion to African philosophy, 2004.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu.** Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia: filosofia antiga, v. 1.** Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

ROSA, Ellen Aparecida de Araújo. **Rekhet – A Filosofia antes da Grécia: Colonialidade, Exercícios Espirituais e o Pensamento Filosófico Africano na Antiguidade.** 2017. Dissertação (Mestrado em filosofia). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS, Rodrigo dos. **Notas a respeito do simbolismo de Exu na produção de uma filosofia do trágico no Brasil.** Dossiê Filosofia da ancestralidade. Revista CULT, n. 204. Agosto, 2015, p. 49-51

SENGHOR, Leopold Sédar. **Négritude et civilisation de l'Universel.** Paris: Seuil, 1977



SERRA, Carlos. **O que é filosofia africana?** Cadernos de ciências sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2015.

SOMET, Yoporeka. **A África e a filosofia.** Revista Sísifo – v. 1, nº 4, novembro. 2016.  
Disponível em: [www.revistasisifo.com](http://www.revistasisifo.com). Acesso em 11 jan. 2019.

TOWA, Marcien. **A ideia de uma filosofia negro-africana.** Trad. Roberto Jardim da Silva.  
Belo Horizonte: Nandyala; Curitiba: NEAB-UFPR, 2015

### **Regina Coeli Araújo Trindade Negreiros**

Graduada em Filosofia, Mestra e Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Pesquisadora do grupo Raízes - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre religiões mediúnicas (CNPq-UFPB), na linha de Religiões afro-brasileiras: aspectos míticos, rituais e simbólicos; história, discursividades, sincretismos, hibridismos, liderado pela professora Dra. Dilaine Soares Sampaio. Docente do Instituto Federal da Paraíba. E-mail: [reginatrindadenegreiros@gmail.com](mailto:reginatrindadenegreiros@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-0250-1277>

Recebido em: 19/08/2020

Aprovado em: 23/11/2020